

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1054
 GUIMARÃES, 30 de Março de 1952
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4318
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

DR. MANUEL MONTEIRO

Propositadamente demorei até hoje a homenagem pública que devo ao grande e nobilíssimo português, intemerato democrata e excelso cultor de beleza que foi Manuel Monteiro.

Quis ser o último para não embaiar o brilho nem amesquinhar com a camaradagem da minha pequenez a consagração a que Manuel Monteiro tinha direito e lhe foi prestada.

E todavia ninguém com maior obrigação moral do que eu poderia haver de me colocar na primeira fila dos que sinceramente choraram e deploraram a perda desse grande valor que tanto honrava a nação.

Conheci o Dr. Manuel Monteiro poucos anos antes da proclamação da República, quando ele carinhosamente ajudava no esforço heróico ou quixotesco a que se votaram de fazerem a propaganda da República, em meio tão hostil como então era o desta terra, os seis republicanos — mais não seriam —, com independência de carácter e alta dignidade cívica para anteporem aos seus interesses particulares as suas convicções democráticas, que havia neste concelho.

Mas a minha intimidade com Manuel Monteiro, essa estabeleceu-se, profunda e arreadamente, até à sua morte, logo nas primeiras semanas da República, quando de roldão as salas do Governo Civil de Braga foram invadidas pelos antigos influentes monárquicos que sempre tinham mandado em Guimarães e queriam continuar a mandar com uma simples alteração de tabuleta exterior em que se pintava a roxo-rei sobre a coroa real da véspera um rutilante e oportuno barrete frigio. E eu vi-me só, ou quase só, no meio daquela multidão sofraga que rodeava, afagava e adulava o Dr. Manuel Monteiro, com a agravante desoladora de ter ainda contra mim alguns dos tão poucos companheiros da luta anterior ao 5 de Outubro.

Manuel Monteiro que na fidalga delicadeza do seu trato, que no primor cativante do seu aprumo de gentil-homem não perdia de vista, nem um momento, os deveres que o supremo interesse da República e de Portugal lhe impunha em momento tão melindroso, sem agravar ninguém, sem uma palavra menos elevada, acolhedora e benevolente para com os mais impertinentes e audazes, compreendeu-me, compenetrando-se da minha sinceridade e da minha razão, fez justiça às minhas intenções e deu-me, com discrição mas firmeza, toda a força de que necessitei para promover no concelho de Guimarães a obra de republicanismo que tornou possível, dentro de um período de adaptação de poucos anos, robustecer os sentimentos patrióticos do povo vimezanense dentro dos princípios democráticos que ainda hoje nele perduram e o integraram, profundamente, na estrutura da República.

E nunca mais, pela vida fora, o Dr. Manuel Monteiro me abandonou. Na boa e má sorte, mas sobretudo na má — e ta-

manha tem sido esta! —, nunca o Dr. Manuel Monteiro me faltou com a sua carinhosa amizade, esforçando-se por acudir aos meus maiores desastres, com uma dedicação que extremamente me comovia e, sempre, em todas as contingências da vida, com demonstrações de uma enorme estima e generoso apreço que são do meu maior orgulho.

Orgulho íntimo, orgulho de que não faço alarde e que só em momentos excepcionais como este, ostento, sem qualquer espécie de modéstia. Sendo, como era, tão estreita e afectuosa a minha ligação pessoal e política com o Dr. Manuel Monteiro, ninguém poderá estranhar, nem o quero esconder, que a tristeza que me causou a sua morte mais se me exacerbasse quando me senti excluído, em contraste com muitos que estiveram longe de ter merecido a Manuel Monteiro a amizade ou a atenção com que me honrou, de certas manifestações solenes de admiração e de homenagem ao grande morto.

A minha imodéstia não chega ao ponto de ignorar que sou

M. Felgueiras.

Conclui na 2.ª página.

Por que não?

Sobre o crime de Cascais, ainda envolto em mistério, lemos as oportuníssimas considerações do ilustre colaborador deste jornal, sr. Joaquim do Vale, através das quais manifesta o seu modo de ver quanto ao facto de se tornar conveniente dar publicidade aos nomes de todas as pessoas que tomaram parte no célebre *rega-bofe* a que a Imprensa fez larga referência. Evidentemente, que essas pessoas, homens ou mulheres, devem ser desmascaradas sem dó nem piedade, embora, é claro, em oportunidade que não prejudique o prosseguimento e bom resultado das investigações em curso. Com menos razão, estarão em dia os cadastros de outras pessoas e até outras terão andado pelo degredo ou por casas de regeneração...

A vida da camarilha que foi apanhada com a *boca na botija* é mal pior do que o do joio entre o trigo, visto que aquele, bem conhecido como erva daninha, pode ser inutilizado com facilidade, ao passo que, quanto a certas pessoas nojentas e repelentes, por pessoas de bem e, portanto, a quem outros, de bons costumes, e de boa fé, ingenuamente apertam a mão.

Ora, para que a limpeza se vá fazendo conforme as circunstâncias o determinarem, é necessário que esses seres humanos, que chafurdam na lama mais imunda e que rastejam como a serpente que envenena os incautos, sejam submetidos ao rigor da Lei e, assim, sofrerem as consequências da sua vida de autêntica degradação moral, seja qual for a sua categoria social e o seu nível de descendência.

RECORDAÇÕES

— à memória do Dr. Hernâni Barreto, na lembrança de horas alegres na mais amiga camaradagem.

*Saudades, quem não tem em abundância
 E outrora as não sentiu — acerbo espinho?!...
 Mas, quando revividas à distância,
 São como penas de desfeito ninho.*

*Saudades são ao longe em ressonância
 Os ecos dum queixume e dum carinho;
 A sombra acolhedora em breve estância
 De quem transita ao longo do caminho.*

*Pois, com o tempo, tudo se transmuda...
 Assim, a dor no peito fica muda,
 Perdendo no silêncio o desatino.*

*E as vozes da emoção repercutida,
 Nas cinzas da lembrança ganham vida,
 Mortas na ronda triste do destino!...*

Rio de Janeiro, Março — 1952

Elisio de Vasconcelos.

SERMÃO MEMORÁVEL

Começo por esta nota histórica:

Os frades de S. Francisco contrataram, em Fevereiro de 1746, com José da Silva Matos, mestre de pedraria, a construção de um arco onde se achava o púlpito da igreja, «de sorte que fique — palavras do contrato — só um e não três, como de presente estão».

Desde o ano de 1746, portanto, o templo franciscano passou a ser de uma só nave e não de três; o que sob o ponto de vista de espaço lhe deu grande vastidão.

Para os sermões quaresmais com notável afluência de fiéis, nenhuma outra igreja oferecia na terra melhor êxito, pois nela cabia um mar de gente! Quando esses sermões eram pregados pelo popular fradalhão Fr. Manuel das Chagas, há cinquenta anos, a igreja de S. Francisco, de uma só nave, enchia-se, a deitar por fora. Dei ao memorável pregador o qualificativo de «fradalhão», porque, em verdade, tratava-se de um monge de grande vulto, entroncado, rijo, como que talhado dum bloco.

Sua voz, então, tinha sonoridades de sino grande, ora de plangência arrastada, em tom de carpideira, ora tempestuosa e ardente, como um mar revoltoso.

Possuidor da singular faculdade em plasticizar a voz aos tons mais persuasivos para alcançar dos seus ouvintes a conversão necessária, o frade pregador arrastava, atrás de si, as multidões crédulas.

Fui ouvir a S. Francisco alguns dos seus sermões quaresmais. Então, por esse tempo, a minha preparação sobre os grandes mistérios da doutrina católica, eram insipientes. Era rapazola. Nem sequer, por essa altura, havia ainda tomado conhecimento deste pensamento expresso mais tarde por Ramalho Ortigão:

«As damas da nossa aristocracia estão tão adiantadas nos mistérios da sua religião, como as suas cozinheiras».

Nesta mentalidade de atrasamento se encontravam, pode afirmar-se, os auditórios do frade pregador. Um caudal de gentes vinha das freguesias suburbanas para o ouvir. As quatro domingos quaresmais faziam rodopiar nas vizinhanças do templo franciscano o marulho das saias rurais, certo que eram as mulheres a maior percentagem que seguiam na cauda do frade.

Dito isto, quero contar-lhes — recordar a muitos, que porventura o ouvirem, como eu, — uma passagem dramática de um desses sermões de quaresma. A tese em foco, era a salvação dos pecadores das penas eternas.

Na dolorida imagem duma

AGREDINDO Exemplos a seguir... OS MORTOS...

Em artigo subordinado a esta epígrafe, o nosso colega República, jornal diário de Lisboa, no seu número de 4.ª-feira passada refere-se à afronta feita à memória do Doutor Afonso Costa, por um jornal que «revela desconhecidos verdadeiros princípios cristãos» e, fazendo a transcrição do artigo do nosso ilustre colaborador M., termina assim:

«Repetimos, a memória de Afonso Costa não foi atingida. Mas o odioso escrito serviu para demonstrar quanto o insigne estadista ainda lhes causa engulhos. Felizmente, a grande maioria da honrada população de Guimarães repeliu o calunioso ataque.

Endereçamos saudações ao «Notícias de Guimarães» e ao prezado e ilustre amigo que soube encontrar a resposta digna».

Muito gratos nos confessamos pela transcrição e pelas amáveis referências ao nosso jornal.

Do mesmo modo queremos agradecer a todas as pessoas amigas — e tantas foram — que nos endereçaram os seus aplausos para alguns dos nossos colaboradores.

Mudança da hora

Na madrugada do próximo domingo e de conformidade com o que está estabelecido superiormente, os relógios serão adiantados 60 minutos, começando a vigorar desse modo a chamada Hora de Verão.

condenação expiatória, uma boa porção de ouvintes, chorava. E o pregador aproveitando o sucesso da compunção lacrimal, atenuando mais o emocional sofrimento do seu captivo auditório, atirou-lhe com este repto esmagador:

«Quem sabe lá se dentre vós alguém tem a alma mais negra que um tição do inferno!»

Meu Deus! Foi nesta tétrica visão apocalíptica que o coral do choro subiu em grita no imenso auditório, a ponto de se verificar um deliquio nervoso em certa mulherzinha, que, em braços de outras, saiu a caminho da porta que levava à sacristia.

Certo escritor teatral de nomeada usava ler as suas peças a uma humilde serva, anotando nela, em sua fisionomia, os estados psíquicos que, acaso, espelhava. E quando essa singela criatura chorasse ou risse, o escritor dava-se por satisfeito, considerando, nesta psicose, o bom resultado do seu trabalho.

Também Fr. Manuel das Chagas, em seus sermões quaresmais, aquilatava o mérito da sua pregação pelo caudal de lágrimas que o auditório fiel vertesse.

Motivo por que ele, o popular frade pregador, se comprazia em fazer chorar, tornando elástica e profunda a sua voz, quando com muito estrépito de garganta clamava — *inferrrrno!*

A. L. DE CARVALHO.

GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO

Passou no pretérito dia 27 o 5.º aniversário da posse do sr. Major Armando Nery Teixeira no lugar de Governador Civil do nosso Distrito, tendo S. Ex.ª recebido naquele dia e por tal motivo os cumprimentos das individualidades mais em destaque da região. «Notícias de Guimarães» cumprimenta respeitosamente o ilustre Magistrado.

REGULAMENTO de Trânsito

Há mais dum ano, fomos informados que a actual verificação se empenhava em fazer aprovar um novo regulamento do trânsito cittadino, procurando descongestionar *l'embouteillage* do tráfego e traçando novas directrizes para o estacionamento dos automóveis, caminhetas e caminhões que chegam e partem da cidade. Deu-se tempo ao tempo, deixou-se fazer amadurecer o encoberto pensamento do ilustre vereador proponente e, com paciência e resignação, aguardou-se a chegada da *boa nova*.

Decorrido mais dum ano e... nada nos aparece!

Ora, a paciência e a resignação têm limites, e, se a administração municipal tem por único objectivo fazer adormecer no fundo das gavetas as propostas que, em sessão, são apresentadas, hemos de confessar que tais processos não interessam e, o que é pior, ainda, tornam-se irritantes aos olhos dos munícipes que quem desafogou-se do atropelo da viação acelerada.

FESTAS DA CIDADE

Na sua sessão de quarta-feira a Câmara Municipal deliberou exarar na acta um voto de louvor à Comissão que no ano findo levou a efeito as Festas da Cidade, pelo brilho invulgar que às mesmas soube imprimir.

Registamos, com muita satisfação, este acto de merecida justiça, ao qual nos associamos.

CARTA A UMA SENHORA Dr. Manuel Monteiro Dezasseis anos de Escutismo na Oliveira

Minha Senhora

Quando tomei a iniciativa de me dirigir a V. Ex.ª, isto é, quando resolvi escrever-lhe a primeira carta, fi-lo com a convicção de que nunca me abalancaria a dizer-lhe qualquer coisa que a pudesse contrariar, ou melhor, que levasse ao seu espírito a impressão de a procurar atingir através do conteúdo de qualquer carta.

Suponho, por isso, que V. Ex.ª não tenha encontrado o mais insignificante motivo para me considerar capaz de usar dos subterfúgios das entrelinhas para lhe dirigir, com menos estima e admiração, palavras ou conceitos impróprios de quem não está habituado a quebrar laços de simpatia com a mesma facilidade que certas pessoas têm em afirmar que uma pestana caída da vista direita representa um gosto, enquanto que, tratando-se da esquerda, já o caso muda de figura... Isto faz-me lembrar, minha Senhora, a forma como algumas pessoas se desculparam quando querem dizer que não, mas não têm coragem para declarar esse não com o mesmo à vontade que declaram um sim.

Enfim, minha Senhora, assistimos, dia a dia, a factos que nos dão uma ideia dessas mil e uma formas de cada um se desculpar com diplomacia ou, então, como outros dizem, de cada um levar a água ao seu moinho e, portanto, de conseguir o que pretende sem criar animosidades ou mau ambiente.

A propósito, minha Senhora, chamo a atenção de V. Ex.ª para a seguinte notícia, transcrita de um Diário da Capital, segundo a qual se constata como não é difícil contrariar a verdade, sobretudo na mira de negócios chorudos, como são os de casacos de peles. Aqui tem a notícia, minha Senhora:

«Raposas enraivecidas...»

As raposas, que sempre foram animais daninhos e manhosos, agora estão atacadas de raiva, calculando-se em cerca de 35.000 o número desses bichinhos que ameaçam contaminar a população de um condado, Filadélfia.

Também já ouvimos dizer que os caçadores da região inventaram essa patranha para, mais facilmente, matarem as raposas e lançarem no mercado nova marca de peles...

Casacos de peles de raposa raivosa, 100 contos cada um! A última novidade e não serão caros... para os que não lhe custa o dinheiro a ganhar!...

Mas, agora me recordei, ainda na última carta lhe falei em casacos de peles e falando agora de mais peles — embora estas digam respeito a casacos de 100 contos!!! — V. Ex.ª ficará com o direito de me chamar impertinente ou até poderá ir mais longe, julgando-me atrevido por me entreter com as peles das Senhoras...

Sim, minha Senhora, se assim o pensar, desde já me curvo perante esse pensamento, com a minha promessa de, a tal respeito, apenas dizer mais isto: Nada tenho, de facto, com a demasiada abundância de dinheiro nas mãos de quem o mesmo de nada vale para actos de Caridade, mas, por outro lado, estou no meu direito de proclamar que se torna inacreditável a existência, em pleno século XX, de polos tão contrários — a abundância no seu alto grau e a miséria em grau igual. De resto, minha Senhora, deixemos as 35.000 raposas de Filadélfia a contarmos com a raiva ou com a metralha dos caçadores e passemos a outro assunto do capítulo da humanidade, como seja o que diz respeito à protecção de que são dignos os ninhos dos passarinhos, com os quais estes já andam atarefados.

Praticam-se verdadeiros crimes contra as avezinhas, principalmente na quadra em que as mesmas fazem os seus ninhos, os quais, no dizer de Afonso Simões, representam a ventura de lares ditosos, os beijos e a ternura de uma Mãe extrema, os cuidados de um pai, os risos de uma irmã ou de um irmão, o doce olhar de uma avó ou de um avô, etc., etc. Por isso, minha Senhora, as barbaridades praticadas contra os ninhos são revoltantes e indignas de uma civilização que deve progredir e não retroceder.

Não duvido de que V. Ex.ª condenará a destruição dos ninhos e, em face disso, igualmente não duvido de que, por sua parte, procurará, tanto quanto lhe for possível, evitar esses atentados repugnantes, que só inferiorizam o nível dos sentimentos humanitários das pessoas que os praticarem e, bem assim, daquelas que devem concorrer para que essa destruição não se faça, como sejam os Pais, os Professores, os Párcos, as Sociedades Protectoras dos Animais, etc.

Já em certos tempos, dizia um ignorado poeta acerca dos ninhos: — «O rouxinol canta alegre Por ter a dama no ninho; Olhem como é constante O amor dum passarinho».

Desculpe, minha Senhora, o tempo que lhe roubei, mas os passari-

nhos também têm direito à nossa atenção para com eles e, além disso, todos devemos ter presente no nosso espírito o que nos diz a seguinte quadra:

— «Não se riam de quem chora,
Que podem chorar também,
Quem chora também se ria
Dos males que hoje tem».

Evitemos, pois, o chorar dos passarinhos, por lhes destruirmos os ninhos e lhes matarem os filhinhos!

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.ºr e Obg.º
Março de 1962.

X.

A ESTÁTUA a Gil Vicente

Sempre fomos partidários duma celebração a Gil Vicente — «o fazedor dos aytos d'El-rei» —, só porque a nossa terra é incluída no número daquelas que se jactanciam de ter sido o seu berço.

Não pertencemos, também, à falange que considera a leitura da sua obra como a melhor homenagem a prestar ao Fundador do Teatro Português, sabido que, pelo ajustamento existente entre essa imortal obra e esse imortal vulto das letras pátrias, é de nossa obrigação tributar-lhe rendida homenagem, dada a projecção internacional de que o vemos aureolado.

Seja em Guimarães, seja em Barcelos ou, ainda, noutra parte qualquer, tudo terá de consertar-se no bom sentido de exaltar essa lídima glória nacional que, por todos os historiadores da Literatura, é considerada «a primeira figura literária do século XVI».

Votamos, pois, a favor duma condigna homenagem a Gil Vicente, mostrando aos vindouros que o nosso culto se inspirou na naturalidade que lhe é atribuída pela maioria dos seus biógrafos e críticos.

Mas, aventaremos à cautela: — Essa homenagem não terá de basear-se na construção duma estátua vulgar, onde se coloque uma caricatural figura do grande Poeta e Comediógrafo, com pera e tudo...

Em nosso entender, e salvo melhor opinião, opinamos por um monumento que rememore a sua actividade literária e que se patenteie ao público, em ilustração profundamente eloquente, da missão histórica a desempenhar no futuro.

Assim, sim. Estaremos de acordo.

C.

Rotários Vimaranenses

Presidida pelo sr. Armindo Diniz Corais realizou-se na quarta feira a habitual reunião deste clube onde apresentaram «actualidades» os srs. Leandro Martins Ribeiro, José Machado Teixeira, Dr. Alvaro Marinho e António de Sousa Lima, tendo procedido à leitura do expediente o secretário sr. António Augusto de Almeida Ferreira.

Trocaram-se impressões sobre a próxima Conferência do Distrito.

Justificaram as suas faltas diversos associados, por motivo de ausência de Guimarães.

A colecta para o fundo Paul Harris rendeu 191\$00.

A próxima reunião ficou marcada para o dia 9 de Abril e nela será feita a leitura da tese que o club vai apresentar à VI Conferência.

MALAIÁ é a marca da camisa que V. Ex.ª deve preferir. Medidas garantidas. Corte impecável. Camisas de todas as qualidades e preços. MALAIÁ é um exclusivo de «A Imperial» — Rua de Santo António, 32-34 — Telf., 40157 — Guimarães.

migalha insignificante para ombrear com a alta finança, a alta burguesia e a não menos alta burocracia a par de outras eminências de incontestável e respeitável relevo no escol intelectual de que o próprio Dr. Manuel Monteiro fazia parte com inexecedível distinção.

Todavia, da minha individualidade apagada, da minha inaptidão para jarrão decorativo e acomodaticio, não deve separar-se o facto indestrutível de ser o único vimaranense vivo que teve a honra de ser eleito deputado da nação pelos votos de verdade entrados nas urnas por mais do que uma vez e de que, igualmente pelo voto expresso em lutas renhidas, exerci por largos anos as funções de presidente da Câmara deste concelho; e desculpa-se, ou, melhor, justifica-se o menosprezo da minha personalidade incomodativa e destoante, mas passa para além da grosseria não se considerar que a fingida ignorância dos cargos que ocupei, com tamanho apoio eleitoral que o meu nome chegou a ser inscrito, por último, nas listas de todos os partidos que se degladiavam, tanto em eleições parlamentares como municipais, só amesquinha as Instituições de que fui elemento e não a mim pessoalmente, que valho pelo que sou e não pelo respeito a que me faltam.

No caso especial das homenagens a Manuel Monteiro, o costumeado ostracismo com que me distinguem, de certo pelo muito mal que terei feito a esta terra ou pelo receio da sombra que a minha presença possa projectar, dou-me, porque quem não conheça muitas das misérias deste mundo poderia julgar a minha ausência como ingratitude para o grande amigo que perdi.

Mais uma razão para que eu tenha de vir por este meio render as minhas homenagens à memória do Dr. Manuel Monteiro. Não lhe venho fazer o elogio; falta-me a competência e seria redundância repetir o que está dito em artigos e discursos em que o vulto por todo gentil e valoroso de Manuel Monteiro foi sublimado como merecia. Comecei por um ligeiro apontamento da sua firmeza de convicções políticas que já, pela extensão deste artigo, me não é possível desenvolver; o seu alheamento das coisas públicas nos últimos anos em que se deixou enlevar exclusivamente pela Arte, refugiando-se em campo onde ninguém o poderia perturbar, fez esquecer, de momento, a sua acção de republicano e de democrata. De momento não quer dizer para sempre.

N. da R. — A única homenagem pública que se realizou nesta cidade à memória do inesquecível Doutor Manuel Monteiro foi promovida pelo Rotary Club local e nós sabemos, por conhecimento directo do assunto, que nenhum propósito houve, ao fazer os convites para essa sessão, omitindo o nome do autor deste artigo, o Sr. Dr. Mariano Felgueiras.

Tal falta deve-se apenas a um lapso, aliás lamentável. Muito se teria honrado o Rotary Club, disso estamos certos, se tivesse tido oportunidade de encontrar entre os seus convidados aquele nome ilustre, que foi íntimo e valioso colaborador do Homem que tão altos cargos ocupou, desempenhando-os com tanto critério e elevado apuro moral.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . . . 1.059\$50
Anónimo 45\$00
A transportar . . . 1.104\$50
Contemplámos vários necessitados.



Em 1936, os escutas da Oliveira com os seus dirigentes

A propósito do aniversário dum grupo de escuteiros fundado em 29 de Março de 1936, sob os auspícios de Nossa Senhora da Oliveira e na freguesia do mesmo nome, é-me sobremaneira grato recordar aqui, em breves linhas, alguns factos ocorridos na vida desse grupo — o 116.

Logo de início, nas primeiras passadas encetadas para a sua fun-

dação, aí por meados de Outubro de 1935, começam a surgir vários precalços a entravar a marcha deste empreendimento. Não obstante, com a boa vontade e perseverança que animava o espírito dos fundadores, tudo foi suplantado. E, assim, ao raiar do dia 29 de Março daquele ano, após uma noite de «Velada de Armas» junto ao altar venerando da igreja de Nossa Senhora do Carmo, que então servia de Paroquial (a Colegiada nessa altura estava encerrada para reparações), a exemplo dos nobres cavaleiros de outrora, eis que surgem desfilar garbosamente pelas ruas da cidade, e prontos para «Servir», os primeiros rapazes deste Grupo.

Do que leio e do que penso

Mais uma vez provei que sou valente!

A bolsinha chorou quando o comprei: duas notinhas fugiram.

Os olhos fatigaram-se para o ler.

Imagine o Gualberto: um grosso volume de 544 páginas, devoradas em 6 dias!

O nome do volume é compridote: O drama do Capião Deyfus.

José Bruno Carreiro demonstra que sabe historiar.

* *

O mais impressionante do Trabalho é a nota da página 511: «tanto se mentira, tanto se perjurara, tanto se caluniara, tão alto se erguera a montanha das fraudes, das invenções, das fábulas, das burlas, das falcatruas, dos desmentidos, dos protestos, dos sofismas, formando o maior imbróglio de que há memória, que já não era possível pôr tudo a claro.»

* *

Gostei de ler, na página 535: «Também constou que Leão XIII exclamara, ao aproximar-se o segundo julgamento em Rennes: «Deus não permitirá que se prolongue o martírio de uma pobre criatura inocente.»

A impressão e a revisão honram a Editora Educação Nacional.

Destas vezes o Delfim foi bem poeta.

GERESINO.

Descoberta de uma perigosa quadrilha

De há tempos a esta parte vinham sendo praticados diversos assaltos e roubos no triângulo formado pelas freguesias de Arões (S. Romão) e Fareja, do concelho de Fafe; Vila Fria, do concelho de Felgueiras e Serzedo e Calvos, do concelho de Guimarães, o que chegou ao conhecimento da G. N. R., desta cidade, que se pôs em campo.

Depois de rigorosas investigações e batidas, a G. N. R. conseguiu deitar a mão aos principais componentes da quadrilha, que trazia em sobressalto a população das mencionadas freguesias e que são, além do António Faria, o «Colmaço», casado, da freguesia de Calvos, deste concelho, que se encontra preso desde o dia 5 do corrente, António Martins, casado, da freguesia de Arões, Fafe; José Maria Ferreira, o «Carral», casado; João de Sousa, o «Valete», solteiro, todos residentes na freguesia de Vila Fria, Felgueiras e Augusto Pereira da Rocha, o «Chiquito», solteiro, da freguesia de Fareja, os quais vão ser enviados ao Poder Judicial, pelos delitos praticados.

dação, aí tínhamos a sua enérgica acção a resolver os mais intrincados problemas. E, como prova irrefutável desta afirmação, citarei, para aqueles que tenham boa memória ou que sentiram de perto as angústias do momento, a memorável data de 2 de Setembro de 1936 em que a sua firmeza de militar — que o foi — muito contribuiu para resolver a questão que se deparava.

Quando os jovens rapazes do 116 desfilarão a primeira vez em público, vimos marchar ao lado deles a veneranda e prestigiosa pessoa de Mons. João Ribeiro.

Era um Homem que aliava à sua dignidade sacerdotal uma simplicidade de maneiras que o caracterizavam; era capaz dos maiores sacrifícios para mitigar a dor alheia; era, enfim, o protótipo do sacerdote. Com a sua morte sofreu o Arciprestado de Guimarães e, consequentemente, o escutismo da Oliveira, uma incalculável perda.

E' certo que lhe sucedeu no Arciprestado o Rev. P.º João da Cruz Magro, sem dúvida também um pároco a todos os títulos exemplar, mas pouco tempo sobreviveria. Uns escassos anos após a sua posse como pároco da Oliveira era chamado a descansar no Acampamento Eterno.

Mas... homens desta tempera não os há em todos os tempos.

Agora, a actual direcção, a par das múltiplas dificuldades que surgem na realização dos fins a que se destina, vai-se estocicamente esforçando por suster os «botes» que lhe são dirigidos por quem anela ver por terra uma obra criada à custa de tantos sacrifícios.

24-3-62.

Agostinho F. Sousa.

As nossas Oficinas de S. José

No pretérito domingo realizou-se a visita dos vimaranenses às suas muito queridas Oficinas de S. José, onde uma boa centena de rapazinhas pobres, órfãos muitos deles, recebem carinhosamente a instrução e se preparam para a vida que os espera.

Nesse dia e durante a tarde efectuou-se o costumeado sorteio e leilão de valiosas prendas, tendo sido elevado o número de pessoas que percorreu durante a tarde as dependências do grande edifício, sem que escondesse a sua admiração e louvor pelas pessoas que, sucessivamente, na direcção daquela Casa de Assistência, se têm esforçado por engrandecer de cada vez mais a magnífica obra de beneficência.

Vão muito adelantadas as obras de ampliação do edifício e tudo tem sido realizado com uma extraordinária dedicação, bem digna de nota.

Mercê das boas vontades de tantos benfeitores e amigos que têm passado pelas Oficinas ou até elas têm feito chegar o reflexo do seu amor à nobre causa, tudo tem sido possível realizar-se para que a obra possa ficar em breve completa.

Todos estão, portanto, de parabéns!

PASSA-SE

«Loja dos Tabelados», Feira do Pão — Guimarães. Estabelecimento de Fazendas brancas e Miudezas.

Estabelecimento de Fazendas brancas e Miudezas.

CRÓNICAS RURAIS

SOBRE MILHOS HÍBRIDOS

Depois de pôr em evidência na minha última crónica o papel importante que aos milhos híbridos está destinado, como meio de elevar as baixas produções por hectare registadas no nosso país, e de ter chamado a atenção para a escolha de variedades, com o fim de evitar possíveis fracassos, necessário se torna dizer alguma coisa da sua cultura.

Essencialmente não difere da dos comuns. Mas, como plantas seleccionadas, são muito mais exigentes que eles, quer no que respeita a preparação do solo, quer quanto a fertilizações. Só com cultura esmerada, com lavouras profundas para dar fácil penetração ao seu raizame desenvolvido, com estrumificações abundantes completadas com adubações racionais, as boas qualidades destes milhos se revelam e as grandes produções são atingidas.

Não esquecer o fósforo, em que os terrenos da região são muito deficientes e cuja falta origina o não preenchimento da espiga até à extremidade.

Como norma de adubação cerca de 400 Kg. por hectare de super 18 % e 100 Kg. de sulfato de amónio.

A sacha, caso o estado de vigor seja fraco, aplicar em cobertura nitrato de sódio, em dose variável com esse vigor.

Outro aspecto a focar é o da densidade de sementeira. No concelho, abusa-se das culturas demasiado densas. Se isso é reprovável para os milhos comuns, pois as plantas se prejudicam quer na absorção das substâncias minerais por concorrência, quer na fotossíntese por ensombreamento mútuo, para os híbridos o mal agrava-se, dado o seu grande porte.

Nunca deixar as plantas em linhas (método de sementeira a usar, por reunir enormes vantagens) distanciadas menos de 60 cm., nem nestas as plantas a menos de 25 cm.. Aconselha-se a empregar por hectare 35 Kg. de semente (que ainda é bastante cara) e orientar depois os desbastes de modo que as plantas fiquem às distâncias referidas.

E' necessário renovar todos os anos a semente, porque a autofecundação origina a regressão ao estado inicial, sendo muito grandes as quebras de produção, quando se usa semente não renovada.

Depois vem os grangeiros que devem ser cuidadosos, de modo a manter a camada superficial mobilizada e isenta de ervas daninhas.

Quanto às regas, estes milhos requerem em geral maiores quantidades de água que os regionais, em virtude do seu maior desenvolvimento, mas, por outro lado, providos de um sistema radicular mais profundo, sofrem menos o efeito das secas.

São pois de aconselhar regas abundantes na ocasião própria.

Há uma prática muito vulgar, o desbandeamento, que é necessário abulir. Com efeito, pelo seu uso, suprimimos folhas, que são como se sabe, os laboratórios onde a planta sintetiza, à custa das substâncias minerais absorvidas do solo e do amidrido carbónico do ar, os hidratos de carbono e demais substâncias necessárias à sua vida.

Suprimir folhas é quebrar o equilíbrio, enfraquecer a superfície elaboradora e portanto diminuir a colheita.

Por outro lado, se o desbandeamento é feito demasiado cedo, antes de se ter dado a polinização, por falta de ele-

mento fecundante as espigas não enchem devidamente.

A natureza obsta um pouco a este perigo, visto ser o milho uma planta de polinização predominantemente cruzada, em que as flores femininas de uma planta, podem ser fecundadas por polen proveniente de flores masculinas de outra planta.

Nunca fazer como já tenho visto, o desbandeamento a eito de todo o campo, ainda antes de as flores masculinas (pendão ou bandeira) terem aberto.

A fazer-se o desbandeamento (e só se justifica que se faça em terrenos demasiado secos para diminuir o consumo de água reduzindo a transpiração) só depois da fecundação se ter dado, o que se reconhece pelo escurecimento das chamadas barbas da espiga.

J. C.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 16, a sr.^a D. Beatriz Bastos Lopes Paul, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. António Paul, do Porto; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, a sr.^a D. Conceição da Costa Barroso - e o menino Vitor Manuel de Matos Machado, filho do nosso bom amigo sr. José de Freitas Machado, industrial em Tomar; no dia 1 de Abril, as sr.^{as} D. Emília Ciampelle Teixeira de Aguiar, D. Irene Gomes Fernandes Guimarães, D. Carmen Fernanda Vilaça Ferreira Oliveira, D. Adeline Campos de Sousa Guise Ferreira Leite e D. Maria da Silva Ferreira e o nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro; no dia 2, a sr.^a D. Maria Luísa Ferreira das Neves e o nosso prezado amigo e conceituado comerciante nas Taipas o sr. Francisco da Silveira Martinho; no dia 3, o menino António Silveiro Sampaio Caldas, a sr.^a D. Sara de Sousa Martins dos Santos e os nossos bons amigos srs. José Soares Barbosa de Oliveira, Luís Ribeiro Loureiro e Octávio Pereira Machado; no dia 4, a sr.^a D. Cécilia de Sousa Vinagreiro; no dia 5, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Salgado Guimarães, de Urgezes; no dia 6, a sr.^a D. Maria do Carmo de Sousa Carvalho Barbosa de Oliveira, esposa do nosso bom amigo sr. António Soares Barbosa de Oliveira, e os também nossos bons amigos srs. Alberto Carlos Abreu, Tomás Rocha dos Santos, Agostinho Martins Rocha e Amâncio José Maria da Silva, das Taipas.

«Notícias de Guimarães» apre-sentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade e deu-nos a honra da sua visita, o nosso querido amigo e distinto médico cirurgião no Porto, sr. dr. António Paul. — Cumprimos nesta cidade o nosso respeitável amigo e ilustrado sacerdote Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. dr. António Pereira Leite de Magalhães e Couto.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. João André.

— Regressou de Lisboa, com sua esposa, o nosso querido amigo sr. Leandro Martins Ribeiro, digno Gerente do Banco Nacional Ultramarino.

— De uma viagem comercial aos Açores, regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Herculano José Fernandes.

— Com sua esposa tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida.

Doentes

No Porto, tem estado a tratar da sua saúde, a esposa do nosso prezado amigo sr. Armindo Diniz Dias Corais, industrial em Moreira de Cónegos.

— Já recolheram a suas casas, entrando em vias de franco restabelecimento, os nossos amigos srs. João Afonso Flores de Magalhães e Domingos José Ribeiro Martins da Costa.

— No Porto, no Hospital do Carmo, onde tem sido muito visitado, continua a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. Lúcio António de Carvalho.

— Continua doente, tendo experimentado algumas melhoras, o nosso prezado amigo sr. Luis Tropa de Oliveira Ramos.

— Encontra-se já quase restabelecido o nosso prezado amigo sr. Asdrubal José Rodrigues Dias Pereira.

Desejamos a todos os doentes o mais breve e completo restabelecimento.

Vida Católica

Domingo da Paixão. Missa própria (omit. Ps. *Juúca me*) sem Glória, oração 2.^a *Ecclesiastica*. Credo. Prefácio da Cruz. Paramentos de cor roxa.

A festa em honra de Nossa Senhora das Dores em S. Francisco

No espaçoso templo da V. O. T. de S. Francisco e na forma dos anos anteriores, por iniciativa da Mesa Administrativa a que preside o sr. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, realiza-se na próxima sexta-feira, dia 4 de Abril e com a maior imponência, a solenidade em honra da Mater Dolorosa, cuja imagem — uma formosa escultura de Mestre Soares dos Reis — ali se venera e estará naquele dia exposta aos fiéis em rico altar.

O templo ostentará uma luxuosa decoração, do armador sr. João Augusto Passos, iniciando-se a festividade às 11 horas com Missa Solene.

A noite, às 20,30 horas, será feita a Exposição do SS.^{mo} Sacramento, seguindo-se o Sermão pelo talentoso orador sagrado, rev. Cônego Dr. Francisco Maria da Silva, da Sé de Evora, «Stabat de Mater» e bênção eucarística.

No coro far-se-á ouvir um grande conjunto de vozes com acompanhamento a harmónio.

As solenidades devem assistir as autoridades locais e pessoas de representação, a quem, na forma dos anos anteriores, vai ser dirigido convite.

A Mesa da Ordem, coadjuvada por um grupo de Senhoras, procura imprimir aquela festa tradicional da nossa Terra o maior esplendor.

Foi imponente a Solenidade de Lázaro, realizando-se hoje a Procissão de Passos

Realizou-se ontem a solenidade de Lázaro no templo dos Santos Passos que, na forma do costume, ostentava luxuosa decoração de veludo roxo com guarnições de cetim branco e dourados, estando expostas em seus andores e à veneração dos fiéis as imagens do Senhor dos Passos e da Senhora da Soledade. Igualmente os fiéis, que ali acorreram em grande número e durante horas consecutivas, a partir das 20 horas, puderam admirar mais uma vez as ricas alfaias, também expostas no espaçoso templo, que se via profusamente iluminado.

No coro fez-se ouvir, em composições apropriadas, o Grupo de Santa Cecilia, com acompanhamento de grande orquestra de arco, tendo estado ao harmónio o prof. José Neves, do Conservatório de Música do Porto.

Centenas de pessoas foram orar ao Senhor dos Passos, sendo muitas portadoras das suas promessas.

A romagem foi, como sempre, deveras emocionante pelo sentimento de religiosidade de que se fez revestir.

Terá hoje lugar nesta cidade se o tempo o permitir, a Procissão de Passos que, pelas 17 horas precisas, deve sair do templo dos Santos Passos, nela tomando parte as Irmandades dos Santos Passos e da Misericórdia, Seminário e Clero, assim como as Autoridades locais que seguirão após o pálio, sob o qual o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz, conduzirá a Sagrada Relíquia do Santo Lenho.

Grande número de figurado, alusivo à Paixão do Senhor, desfilará por entre as alas dos Irmãos.

A Procissão, a que a Mesa da Irmandade procura imprimir toda a imponência, honrará mais uma vez as tradições de Guimarães.

Irmandade de N. S.^a da Oliveira — Padroeira da Cidade

Tomou posse, recentemente, a nova Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira para o triénio de 1952-1955, a qual é constituída pelos seguintes senhores:

Juiz, Francisco José da Silva Guimarães; Secretário, Carlos Alberto Cardoso; Tesoureiro, Joa-

quim António da Cunha Machado; Mordomo do Culto, P.^o José Jesus Ribeiro; Vogais: José Alves de Almeida Araújo, Domingos António Leite de Freitas e João Ribeiro da Costa.

A nova Mesa, na sua 1.^a reunião, ponderou a péssima instalação da sua secretaria e bens.

Deliberou, de harmonia com o Rev. Pároco da Freguesia, estudar a melhor forma de as instalar convenientemente e dignas da 1.^a Irmandade da cidade, ou seja da sua Padroeira.

Em virtude disto e atendendo que essas instalações importam em certa despesa, a Irmandade vê-se impossibilitada de tirar a procissão da sua Padroeira, no corrente ano, como era seu desejo.

Procissão de Endoenças

A Mesa da Irmandade da Misericórdia deliberou efectuar a Procissão de Endoenças, no próximo dia 10 de Abril, sendo seu desejo que essa manifestação religiosa se revista da possível solenidade.

A mesma procissão sairá da sua igreja pelas 20 horas do citado dia, esperando a Mesa que os Irmãos compareçam no maior número possível.

Festa das Cruzes em Serzedelo

Nos dias 3 e 4 de Maio próximo realiza-se, na freguesia de Serzedelo, a antiga Festa das Cruzes, presidindo à Comissão que este ano a leva a efeito o sr. José Marques Rodrigues.

Os trabalhos para a festividade, a que a Comissão procura imprimir o maior brilho, iniciaram-se já e com todo o entusiasmo.

Comunhão Pascal das raparigas de Guimarães

Realiza-se, no próximo domingo, dia 6, na Igreja da Misericórdia, a Comunhão Pascal das raparigas de Guimarães. Como preparação haverá na mesma Igreja, nos dias 2, 3 e 4, pelas 18 horas, um tríduo de práticas, sendo o dia 5, destinado às conições.

Falec. e Sufrágios

Luís Garcia Martins
Bombeiro Honorário

Faleceu, contando 84 anos e confortado com todos os Sacramentos da S. M. Igreja, o bombeiro honorário sr. Luís Garcia Martins, irmão da sr.^a D. Maria Martins Fonseca e tio das sr.^{as} D. Armanda Fonseca, D. Maria Emilia Fonseca, casada com o sr. Alberto Augusto; D. Augusta Fonseca; D. Maria Ermelinda Fonseca Carneiro, casada com o sr. António Augusto de Almeida Carneiro; D. Francelina Fonseca Cardoso, casada com o sr. Manuel Cardoso e D. Ema Fonseca Barbosa de Oliveira, casada com o sr. Cândido Barbosa de Oliveira.

O seu funeral, em que se incorporou o Corpo Activo dos B. V., Direcção daquela Associação Humanitária e numerosas pessoas das relações do extinto e da família dorida, efectuou-se na 5.^a-feira à tarde, do templo de Santo António dos Capuchos para o Cemitério Municipal.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

D. Almerinda Gomes Alves
Moreira

Em Vila Nova de Famalicão, onde residia e confortada com todos os Sacramentos, finou-se, após dolorosos e cruciantes sofrimentos que soube suportar com verdadeira resignação, a sr.^a D. Almerinda Gomes Alves, viúva do sr. Amadeu Moreira, irmã dos nossos prezosos amigos srs. Alberto Gomes Alves, Capitão Artur Gomes Alves, Dr. Gaspar Gomes Alves e Mário Gomes Alves, aos quais, assim como à restante família dorida, apresentamos sentidas condolências.

O funeral da bondosa senhora efectuou-se anteontem em Famalicão e a ele foram assistir várias pessoas desta cidade.

De luto

Pelo falecimento de um seu irmão, ocorrido em Felgueiras, guarda luto o nosso prezado amigo sr. Joaquim Teixeira da Costa, a quem apresentamos condolências.

Diversas Notícias

Voto de louvor aos Bombeiros

Na sua última sessão a Câmara Municipal exarou na acta um voto de louvor à Corporação dos Bombeiros Voluntários pela comemoração das suas Bodas de Diamante.

Centro de Recreio Popular

Continuam a fazer-se na sede deste Centro de Recreio grande número de inscrições para a primeira Exposição de Arte dos Trabalhadores a realizar dentro em breve em Lisboa.

A Comissão organizadora de Guimarães não se tem poupado a esforços no sentido de que a apre-

TEATRO JORDÃO

HOJE, ÀS 15 E 21 HORAS

APRESENTA

Danny Caye em
ESCALDOS NA RIVIERA
Um espectáculo fascinante, encantador e hilariante!

TERÇA-FEIRA, 1 -- ÀS 21 HORAS

Richard Widmark e Barbara Bel Geddes

PANICO NAS RUAS

Um filme brutal e apaixonante!
1.^o prémio no festival de Veneza em 1951! Uma história arrojada e inesquecível!!!

QUINTA-FEIRA, 3 -- ÀS 21 HORAS

A RAPOSA

(Tecnicolor)

com *Jemifer Jones-David Ferrar*

A inteligência e os ardis duma raposa, formam a alma duma formosa rapariga do campo!

Um filme dos dois maiores produtores do mundo,

David O'Selznick e Alexander Korda!!!

SÁBADO, 5 -- ÀS 21 HORAS

Em Sessão Popular

A Espada de Monte Cristo

com *George Montgomery e Paula Corday*

Brevemente: — Os Contos de Hoffmann — O Milagre de Milão — O Vêu Azul, etc.

O PREÇO DO SULFATO DE COBRE

O país encontra-se abastecido de sulfato de cobre para a presente campanha, apesar das dificuldades mundiais de aquisição do cobre.

O preço médio deste metal que, como é sabido, interessa à preparação militar e armamento do mundo, subiu de 12\$20 Kg., na campanha anterior, para 30\$50 Kg., na actual.

Em virtude desta extraordinária alta de cotações, o preço do sulfato de cobre nacional subiu para 14\$28 Kg.

As autoridades, desejosas de fazer todo o possível para que a Lavoura não tivesse despesas incontroláveis, na aquisição deste fungicida, fixou o seu preço de venda em 12\$00 Kg., mandando pagar 2\$00, por quilo, para todo o sulfato entregue ou a entregar à Lavoura, na presente campanha.

O Fundo de Abastecimento do Ministério da Economia, está para este efeito a contribuir com cerca de 24.500 contos, a fim de limitar na medida do possível, a subida do preço do sulfato, provocada pela elevação das cotações internacionais do cobre.

O alto preço do sulfato de cobre é, porém, geral.

Assim, mesmo da Inglaterra, vendedora habitual para o nosso mercado e que apenas forneceu para esta campanha, até esta data pouco menos de 600 toneladas, ou seja uma pequena quantidade das 15.000 toneladas necessárias, o seu preço fica agora próximo do nacional, qualquer coisa como a 11\$40, o quilograma.

Da Turquia há, também notícia de preços inferiores ao do nosso mercado e o da Dinamarca chega a atingir os 12\$00 do sulfato de cobre português, mas os preços para vendas, por grosso, na Alemanha e na Espanha são já respectivamente de cerca de 12\$90 e 13\$50 Kg. e os de venda a retalho oscilam, na Bélgica, entre 14\$74 e 17\$34 Kg., em França o preço é de 12\$90 Kg., sem sacaria, na Holanda 12\$39 e na Grécia, varia entre 16\$28 e 16\$80.

A importação de sulfato de cobre é como se sabe livre.

sentação dos trabalhadores vime-ranenses seja o mais brilhante possível.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, Rua de Santo António, Telef. 40199.

Sociedade Filarm. Vimaranense

Passa hoje, dia 30, o 49.^o aniversário da fundação da Banda de Música desta Sociedade — a reputada Banda dos Guises — festejando-se esta data com vários números, entre os quais se destaca um atraente concerto no Jardim Público, com início às 11 horas.

Antes, porém, será colocado no estandarte da Sociedade Filarmónica Vimaranense um laço de fitas de seda, oferta da congénere de Montijo, Sociedade Filarmónica 1.^o de Dezembro, acto a que procederá a menina Maria Margarida Abreu Antunes.

Felicitemos vivamente, nas pessoas de Joaquim Guise e de seu filho António Guise, todos quantos têm contribuído para os progressos daquela Banda, louvando ao mesmo tempo a sua persistência e, também, o seu amor pela Arte e por Guimarães.

A Banda da S. F. V. apresentará hoje, como de costume, cumprimentos às Autoridades e à Imprensa, após o que os seus componentes assistirão a uma missa no templo de S. Francisco, por alma dos fundadores, benfeitores e componentes falecidos.

No Jardim Público terá lugar a partir das 11 horas o concerto musical com o seguinte programa:

- 1) Hino da Sociedade Filarmónica 1.^o de Dezembro;
- 2) *Fhédre*, Ouverture, *Massenet*;
- 3) *Tósca*, Fantasia da Ópera, *Puccini*;
- 4) *Les Erinyes*, *Divertissement*, *Massenet*;
- 5) *En La Alhambra*, *Serenata*, *Breton*;
- 6) *El Baile de Luiz Alonso*, *Zarzuela*, *Gimenes*;
- 7) Hino da Sociedade Filarmónica Vimaranense, *Paranhos*.

LEMBRANDO UM BENEMÉRITO

Passou ontem mais um aniversário do falecimento do benemérito José Pereira Tóres Carneiro, por alma de quem foram celebrados sufrágios no Paroquial de Serzedelo, em cuja freguesia o nome de Torres Carneiro se encontra perpetuado na Escola Primária, que foi construída, por sua vontade em disposição testamentária, que o Município vimaranense cumpriu.

Ofertas e Procuras

VENDE-SE

Raspa para plantações e pontas de chifre de boi e vaca para cutileiros.

As melhores qualidades aos melhores preços. Informam nos baixos desta Redacção. 149

Aluga-se Uma esplêndida sala para escritório ou armazém. Nesta redacção se informa. 128

CASA Aluga-se na R. Abade de Tagilde, com dois andares, quarto de banho, lojas e quintal.

Falar na Casa da Seara, com António Pina, das 14 às 18 horas. Guimarães. 101

VENDEM-SE

Tear circular, alemão, moderno, para camisolas, com produção de 80 metros; uma máquina de punhos; 2 máquinas de costura, ponto de cadeia e acessórios, tudo quase novo.

Informa-se nesta redacção. 145

ESCRITÓRIO

Aluga-se, no Largo do Tournal. Informa-se na Redacção. 130

O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO BRINCA MUITO DURA MUITO...

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

O final da primeira Comissão

1916

E assim sucedeu, tendo um cavalo à minha espera e um preto para me guiar naquela subida até ao acampamento.

Tenho uma vaguissíma ideia, mas parece-me que havia lá uma casa desmontável, de madeira, e um certo número de barracas para o pessoal.

O local era pitoresco, na encosta da Chela, quase no último lanço daquela ingreme subida, de onde se avistava uma imensidade de picos, covas da grande cordilheira, fundos vales, cortaduras gigantes, em que parecia ter desabado num cataclismo, já fora do conhecimento humano, uma porção da montanha, escavações de torrentes furiosas de chuvas diluvianas, uma grandeza majestosa que se alargava imponente até se esfumar no horizonte, onde, ou o mar ou o areal do Deserto punham um brilho diluído, já empanado pela neblina que vinha dos lados de Moçamedes.

E as gigantescas árvores, que, desde as terras baixas de Capangombe e Vila Arriaga, subiam até ao alto da serra, davam um aspecto de frescura e sombra, que só enganava quem não conhecesse a escassez de água naquela encosta da serra.

E o traçado seguia nosamente em voltas e mais voltas, a vencer a enorme diferença de nível, mostrando em cada aberta um pico carregado de rochas colossais, mais além outro pico que sobressaía do arvoredor, e, marcando a rota para a Quilemba, onde descansaria desta esbófada subida, os dois Tolundos, dois picos quase iguais, que se nomeavam de macho e fêmea e perto dos quais estava o acampamento.

Ali passei dois descansados dias na generosa e fidalga hospitalidade, que se poderia prestar num acampamento, com que me receberam o meu amigo e sua esposa.

Do restante pessoal lembro-me de um condutor de Obras Públicas, Peyroteo, que tinha um filho de dois ou três anos, que brincava com o pequenito do Cunha Leal.

Na manhã do segundo dia que lá passei levantei-me mais tarde e não os acompanhei ao trabalho, ficando por ali a ver as duas crianças que se juntavam para as brincadeiras infantis.

Depois, à hora do almoço, fomos por ali fora com os pretos, que levavam os cestos, para o local onde andavam com os instrumentos de observação, a uns três ou quatro quilómetros e à sombra de uma árvore comemos, palestramos e até dormimos uma sesta pelo maior calor.

Na tarde desse dia desci à estação da Humbia para tomar o comboio de Moçamedes, onde esperaria pelo Cunha Leal, para embarcarmos no

próximo paquete da Costa Ocidental.

Lá esperei, ele apareceu, mas não segui para Portugal, porque depois de uma rude batalha, me vi forçado a regressar ao Cuanhama, a seguir para Mamacunde e a viver mais três anos naquele Sul de Angola, de que afinal só trouxe saudades.

Jugueiros, Felgueiras, 12-2-52.

A. DE QUADROS FLORES.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 21 de Março

Sob a Presidência do Provedor sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— Pelo sr. Provedor foram apresentadas as contas da gerência do ano findo, as quais depois de devidamente examinados os documentos de receita e despesa a Mesa resolveu aprovar e enviar ao Tribunal de Contas, para efeitos de aprovação superior.

— Foi apreciada uma carta do empreiteiro, sr. Joaquim de Sousa, a comunicar terem terminado as obras do Pavilhão das doenças infecto-contagiosas e a pedir o levantamento da garantia bancária, sendo resolvido aguardar a oportunidade de dar deferimento a este pedido.

— A mesa apreciou, também, os orçamentos de mobiliário e equipamento do Pavilhão de doenças infecto-contagiosas, de conformidade com o estabelecido pela Comissão de Construções Hospitalares, sendo esse fornecimento adjudicado à firma Bacelar & Irmão, L.da, da cidade do Porto, por ser aquela que apresentou orçamento mais favorável.

— O Comissariado do Fundo do Desemprego participou que, por portaria de 5 do mês corrente, foi concedida a esta Misericórdia a comparticipação de 33.400\$00, destinada ao referido mobiliário.

— A Mesa resolveu convidar a Irmandade a encorporar-se na Procissão de Passos, a realizar em 30 do corrente; e efectuar nesse dia a comunhão dos doentes no Hospital e no dia 10 de Abril, pelas 20 horas, a Procissão de Endoenças.

— Aprovou o Balancete do Cofre, apresentado pelo sr. Tesoureiro e verificou o cumprimento de todos os legados.

— Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para esta Instituição.

ESTE ANO COMEMORA A SAPATARIA LUSO AS SUAS BODAS DE PRATA 1927-1952

Um quarto de século de bem servir Uma glória para esta casa, e uma garantia para quantos preferem o calçado da Sapataria Luso. 96

Transformação de Sociedade João Gualdino Pereira, Sucessores,

com sede em Guimarães

(Por minuta)

Faz-se público que por escritura de 27 de Março de 1952, lavrada a folhas 60 verso do meu livro de notas n.º 452, foi transformada a sociedade em nome colectivo João Gualdino Pereira, Sucessores, em sociedade por quotas de responsabilidade limitada, cujo pacto social passa a ser o seguinte:

Primeiro

A firma é João Gualdino Pereira, Sucessores, Limitada, tem por objecto o comércio de tecidos de linho e algodão e agente de seguros.

Segundo

A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu início no dia um de Abril próximo.

Terceiro

Tem a sua sede nesta cidade, no Largo vinte e oito de Maio, na loja, com os números de polícia vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove e trinta.

Quarto

Ambos os sócios são gerentes, podendo, por isso, usar da firma social, mas só em negócios que interessem à sociedade, e representá-la em juízo, activa e passivamente.

Quinto

O capital social é de oitenta mil escudos, já realizado em tecidos, dividido em duas quotas de quarenta mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios.

Sexto

Qualquer sócio poderá fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições fixadas pela assembleia geral.

Sétimo

Os lucros serão divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, podendo a assembleia geral criar outros fundos. Os prejuízos serão suportados na mesma proporção.

Parágrafo único

Por conta dos lucros poderão os sócios retirar mensalmente da caixa social as importâncias a fixar pela assembleia geral.

Oitavo

A sessão de quotas a estranhos fica dependente do acordo dos sócios.

Nono

Os anos sociais são os civis. Os balanços terão de ser encerrados com a data de trinta e um de Dezembro de cada ano.

Décimo

O sócio que quiser sair da sociedade terá de prevenir o outro sócio, com a antecedência de doze meses, e o que se apurar pertencer-lhe pelo balanço feito na ocasião, serão, digo ocasião, será pago em seis prestações semestrais iguais, acrescidas do juro, à taxa de seis e meio por cento, representadas por letras, devidamente avalisadas, salvo o direito de antecipação.

Décimo primeiro

No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com o outro sócio e os herdeiros do sócio falecido com o representante do interdito.

Parágrafo primeiro

Os herdeiros do sócio fale-

cido designarão um dentre eles que os represente na sociedade.

Parágrafo segundo

Se os herdeiros do sócio falecido ou o representante do interdito não quiserem fazer parte da sociedade todo o activo e passivo será adjudicado ao outro sócio, em face do balanço a que terá de proceder-se para esse efeito. O que se apurar pertencer-lhes será pago nos prazos e condições estabelecidas no artigo nono.

Décimo segundo

A assembleia geral dos sócios será convocada por qualquer deles por meio de carta registada, com a antecedência de cinco dias.

Secretaria Notarial de Guimarães, 27 de Março de 1952.

O Notário,

a) Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

DECLARAÇÃO

Tendo vindo à luz da publicidade no semanário de Lisboa, «Os Ridículos» uma notícia acerca da inauguração do Café Covense, em que se afirma terem sido as obras feitas com «massa» emprestada, cumpre-me declarar que o informador falseou a verdade e venho conyidá-lo, publicamente, a indicar o nome ou nomes de pessoas às quais alguma coisa esteja devendo.

Ao mesmo tempo declaro que me encontro na firme disposição de chamar à responsabilidade quem se tenha permitido utilizar as colunas daquele periódico, inventando uma «história» cujo objectivo desconheço.

Guimarães, 25 de Março de 1952.

José da Costa.

Não pinte o seu cabelo;

FAÇA-O REGRESSAR POUCO A POUCO COM A

Loção de Colónia MIX-HOR

À SUA COR ANTIGA

Vende-se em todas as farmácias, drogarias e perfumarias. 119

As nossas gentis Leitoras

A CASA JAIME vende finíssimos perfumes, brilhantinas, cremes, rouges e batons. Lindíssimos e encantadores objectos para brinde. Modernas luvras e meias. Prefiram V. Ex.ª nas suas compas a CASA JAIME, ao Toural. 59

Assinal o Notícias de Guimarães



—Vês, pai? Não compraste SUPERIUS!...

Superius

A melhor marca de calçado para crianças.

Um rigoroso EXCLUSIVO

da Sapataria

Vimaranense

78—RUA DA RAINHA—82

Telefone 40145

GUIMARÃES

ANTIGA CASA PATRÍCIO

DE

José Fernandes Martins & C.ª, L.ª

TELEFONE 4330—TOURAL

Depositários do Pão de Ló de Margaride de Leonor Rosa da Silva, Sucl.

Participam aos seus Ex.ªs Clientes que todos os dias recebem o delicioso Pão de Ló de Margaride, e que estão ao seu dispor para o despachar para qualquer parte do País. 145

PULVERIZADORES DE PRESSÃO

Srs. Agricultores!

Prefiram os pulverizadores «CARDOSO», por serem os únicos que lhes convém. E convem-lhes porque o seu funcionamento é tão prático que qualquer pessoa o pode manobrar com certa facilidade. O pulverizador de pressão «CARDOSO» não precisa de válvulas de segurança nem de manómetros para regular o ar.

O seu fabrico está feito de acordo com o peso máximo do ar e por tal motivo não tem complicações, tornando-se completamente isento de consertos e avarias. O pulverizador «CARDOSO» é o mais prático, o mais económico e o mais seguro que até hoje se tem fabricado.

Peçam uma demonstração ao seu fabricante:

José Ribeiro Cardoso

SENHORA APARECIDA—DOURO 115

BATATA DE SEMENTE

ARRAN-BANNER—UP-TO-DATE—ARRANCO-SUL

e Sementes de Hortaliças e Flores, Rafia e ARTIGOS COLUMBÓFILOS

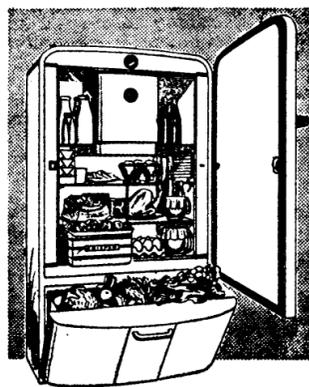
— AOS MELHORES PREÇOS —

VIDES CORRIOL

MANUEL MARTINS FERNANDES & C.ª

L. 28 DE MAIO, 21—GUIMARÃES 137

A. GOUVEIA



Acaba de receber nova remessa dos afamados

FRIGORÍFICOS PHILIPS

8.500\$00—18 prestações

fabricados e garantidos pela PHILIPS PORTUGUESA S. A. R. L.

em exposição à Av. Conde de Margaride—STAND N.º 3

Telefone, 40436

Antes de comprar faça uma consulta

Braga & Carvalho, Sucl.

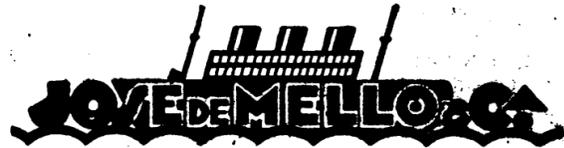
TELEFONE, 4126

TOURAL

Informa que a partir do dia 8 de Abril recebe quente o afamado Pão de Ló de Margaride de Leonor Rosa da Silva, esperando ordem dos seus Ex.ªs Clientes para despachar para qualquer ponto do País. Encontra-se neste estabelecimento grande sortido de amêndoas, caixas de fantasia, rebuçados, bombons, licores e champanhes das famosas marcas da RAPOSEIRA e R. C. VINÍCOLA. 141

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Afândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074—Mat. 647—Est. 57